

NOTÍCIA I

Senhores!

Todos receberam copias dos ofícios 74(PIs) e 75 (avaliadores) que enviei há alguns dias. Agora vai a comparação.

Contato Consultoria

Raulino

Instrumento	Ofício Circular 074 2010 - IES	Ofício Circular 075 2010 - Avaliador	Observação
Instrumento Renovação de Reconhecimento	Alteração da redação do conceito referencial mínimo de qualidade do Indicador 2.3, que passa a ser: "Quando, pelo menos, 50% dos docentes do curso têm titulação obtida em programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> , 20% são doutores, 10% são contratados em tempo integral e todos os mestres e doutores têm, pelo menos, quatro (4) anos de experiência acadêmica no ensino superior". (considerar apenas as horas destinadas para as atividades da Mantida à qual pertence o curso).	3.1 - Alteração da redação do conceito referencial mínimo de qualidade do Indicador 2.3, que passa a ser: "Quando, pelo menos, 50% dos docentes do curso têm titulação obtida em programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> , 20% são doutores, 10% são contratados em tempo Integral e todos os mestres e doutores têm pelo menos, quatro (4) anos de experiência acadêmica no ensino superior. Considerar apenas as horas destinadas para as atividades da Mantida na qual pertence o curso). Observação: No indicador 2.3 deverão ser analisados os seguintes descritores: a - Do total de docentes do curso avaliado, pelo menos, 50 % dos docentes possuem titulação obtida em programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> (doutorado ou mestrado)? b - pelo menos 20 % do previsto no item a possuem titulação de doutor obtida em programa de pós-graduação <i>stricta seiasa</i> ? c - pelo menos 10% do previsto no item b são contratados sob o regime de trabalho integral? d - Todos os mestres e doutores possuem tempo de experiência acadêmica no ensino superior de, pelo menos, quatro (4) anos?	Não há coerência no que está dito "Observação: No indicador 2.3 deverão ser analisados os seguintes descritores: b) pelo menos 20 % do previsto no item a possuem titulação de doutor obtida em programa de pós-graduação <i>stricta seiasa</i> ? O que significa 20% previsto no item a? Os 20% referem-se ao total de professores ou é para ser calculado em cima dos 50%. Nos parece pela decisão da CONAES que estes 20% é com base no total de professores e deste modo devemos ter 20% de doutores no curso. c -pelo menos 10% do previsto no item b são contratados sob o regime de trabalho integral? Na decisão da CONAES está dito que o corpo docente deve ter 10% de TI, mas não está dito que os TI têm que ser 4 doutores. No texto colocado aos avaliadores dar-se a idéia de que os 10% de TI deveriam ser calculado com base nos 20% de doutores. Isto significa ter 2% de TI, sendo que estes são todos doutores. Não da para entender porque o texto para as IES é redigido de uma forma e dar-se outras instruções aos avaliadores gerando uma enorme confusão no processo de avaliação e como consequência no processo de regulação. Quanto ao item d, há coerência entre os dois ofícios
	No ofício 75, encaminhados as IES deveria ser reenfocado, como foi feito no ofício 67/2010, que a obtenção de conceito insatisfatório (1 ou 2) em qualquer uma das dimensões, implicará em protocolo de compromisso.		

EXIGÊNCIAS DESCABIDAS

De vez em quando o noticiário informa que mais uma instituição de ensino foi adquirida por investidor com capital estrangeiro. atraído pelo mercado e, principalmente, pela situação precária em que se encontra boa parte dos estabelecimentos privados, em função da “lei do calote” ou, também, como consequência de péssimas administrações. Este é um fato real, verdadeiro, inquestionável, daí ser fácil a compra que já passou de meia dúzia e a perspectiva é a de que outras virão proximamente. Os investidores se interessam porque o “negócio” (ruim chamar assim, mas é...) é bom e com altas possibilidades de crescer tendo em vista a nossa alarmante defasagem educacional, colecionando mais de quinze milhões de analfabetos (número que só cresce...) e evasão das escolas fundamentais, a ausência de boas escolas profissionalizantes, o ensino superior obsoleto, carcomido, desatualizado. Veteranos como eu que, “meninos eu vi”, já assisti a tudo, ficam, eu fico, rememorando o passado e colecionando os erros praticados que se iniciam pela inexistência de um planejamento sério da educação, durável, que se possa, após uma geração, verificar os prós e contras, o que deu certo, o que não funcionou para corrigir, um modelo nosso e não uma xerox da sétima cópia de um programa francês ou norte-americano (eles gostam, porque confundem “savoir faire” com “know how”...). Temos, obviamente, nossas particularidades, idiossincrasias, cultura que não se adéquam a modelos importados, o manequim é diferente. Daí é preciso pensar um sistema próprio, tupiniquim, mas não há pessoal para isso, quer dizer, existe sim, mas não estão e jamais estarão no poder, exatamente porque são sérios e competentes, qualidades incompatíveis com quem exerce um cargo político. Um breve histórico de nossas idas e vindas demonstra que, ao início, a iniciativa privada só poderia abrir cursos superiores (faculdades, universidades nem pensar) se fosse constituída como uma sociedade (de pessoas) filantrópica, ou seja, sem remunerar seus dirigentes (todos seriam mecenas...), aplicar o lucro (palavra proibida!) no empreendimento. Perdurou o ditame durante longos anos até que, sabe-se lá a troco de que ou de que pressão (os investidores começavam a rondar ávidos...) permitiu-se a transformação em empresas comerciais, algo absurdo, porque, de repente os associados se viam donos de percentuais de um patrimônio para o qual não concorreram com qualquer centavo, além de, como aconteceu, poderem criar sociedades anônimas e lançar ações negociáveis na Bolsa. Esta situação atizou os empresários, não os educadores, que passaram a utilizar métodos de marketing rasteiro com ofertas mirabolantes e enganosas, dumping de preços, competição predatória, sacrificando a educação de qualidade pelo guichê, aviltando a mão de obra docente e administrativa. Se é empresa, o dividendo e o resultado positivo são obrigatórios, o curso tem de render, não se pode desperdiçar tempo ou equipamentos, é indispensável faturar, faturar, a educação que se dane. Atualmente, vive-se o drama de procurar recursos para sobreviver ou esquecer os ideais e vender a “griffe” que é o que resta em algumas instituições sufocadas por dívidas impagáveis. Lembro-me de que há um ano foi baixada uma medida provisória pela qual o BNDES poderia vir a financiar estabelecimentos de ensino. Um ano se passou e ninguém foi ainda beneficiado, atribuindo-se o atraso a exigências descabidas do MEC, tendo em vista se tratar de uma operação bancária, prazos e juros, contrato, obrigações. As condições até são mais favoráveis em verdade, um empréstimo que pode chegar a três milhões de dólares, com juros de cerca de 4% ao ano mais inflação, carência possível de doze meses e dez anos para quitar, algo bem razoável no quadro atual.

Abro parágrafo para destacar as bobagens do MEC (faz algo diferente?) que condicionou a operação que não lhe diz respeito, a: a) apresentação de projeto que demonstre como os recursos vão melhorar a infraestrutura; b) ser participante do FIES; c) ser participante do PROUNI; d) ter, no mínimo, 70% dos cursos de graduação com “conceito de curso” (aquele esotérico...) do MEC, igual ou superior a 3; e) ter, no mínimo, 60% dos cursos devidamente reconhecidos. Agora, me diz, o que esses requisitos estranhos têm a ver com uma operação financeira, um empréstimo? São essas coisas que desanimam, é duro lutar contra a ignorância, a ideologia mofada, a vaidade tola, a corrupção que campeia solta, o aparelhamento do Estado, inchado para acolher os amigos e repleto de incompetência. Não sei você, leitor, mas eu, várias vezes ao dia, tenho vontade de gritar, “basta”, “chega”, não agüento mais!

P.S1: O pai que já foi acusado de manter mão de obra escrava em suas propriedades, é candidato a senador, enquanto um filho postula o parlamento federal e outro o estadual. Que família, todos querendo viver a nossas custas!

P.S.2: O ególatra inquilino do planalto saiu de sua linha e desancou “companheiros” que reivindicavam diminuição de carga horária, dizendo que queriam ganhar sem trabalhar. Ora, o exemplo não vem dele mesmo que ficou mais de vinte anos na vida mansa, usufruindo salários do sindicato, além, hoje, de uma aposentadoria inchada (por que razão?). Por que não aproveitou o tempo livre para estudar, terminar o primeiro grau ao menos?

P.S.3: Sigilos fiscais são quebrados e fica por isso mesmo, ninguém reage? Que cidadãos somos nós que aceitamos passivamente os desmandos do Estado privatizado pelo partido no poder?

P.S.4: Sete de setembro, feriadão, mais um. Dia da Independência... e somos mesmo?

P.S.5: Continua a oferta: quem se interessar pela minha oitava coletânea de artigos, “Educação pelo avesso” basta solicitar, sem custo, pelo e-mail antonioluizmendesdealmeida@gmail.com

Prof. Antonio Luiz Mendes de Almeida
(FD 483 10/9.09.10)



Desconto especial de 10% para os associados ANACEU

Para usufruir deste desconto informe o código "OUVIDORIA-ANACEU" na Ficha de Inscrição campo Nome Participante

OUVIDORIA NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

06 de outubro de 2010 - São Paulo - SP

Seminário

FORTELECENDO AS OUVIDORIAS NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Saiba os caminhos para aperfeiçoar a Ouvidoria

- A ética e a atuação do Ouvidor
- Metodologia e procedimentos para o bom funcionamento da Ouvidoria Acadêmica
- O perfil do Ouvidor e suas competências na Instituição de Ensino

Workshop pós-Seminário

A OUVIDORIA COMO PALCO PARA A MEDIAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Conheça o processo e as técnicas de mediação

- A ouvidoria como palco para a mediação e resolução de conflitos
 - . Conflitos - A importância do reconhecimento de sua existência e da análise dos fatores desencadeadores;
 - . O processo da mediação como proposta de resolução dos conflitos nas instituições de ensino;
 - . Competências do Ouvidor em sua atuação mediadora;
 - . Técnicas de mediação.

Benefícios em participar deste curso

- . Conhecerá as metodologias e procedimentos para tratamento dos assuntos de Ouvidoria;
- . Saberá quais são os recursos necessários para o bom funcionamento de uma Ouvidoria;
- . Obterá esclarecimentos sobre o processo da mediação na resolução dos conflitos nas instituições de ensino;
- . Conhecerá técnicas de mediação;
- . Trocará experiências e conhecimentos com os participantes e palestrantes de grande expertise que participam deste encontro.

Para quem se destina

Mantenedores, diretores, gerentes, supervisores, ouvidores e profissionais das áreas de comunicação, atendimento ao cliente e marketing.

www.humus.com.br/eventos/ouvidoria

Realização



Desenvolvendo gestores para o sucesso

Apoio



CÍNICOS MESTRES

Vamos aguentando a campanha e o desfile de personagens deprimentes, com apelidos inacreditáveis e promessas oníricas. Procuramos uma proposta e nada, “a boneca de ventríloquo” agarrada em seu guru e inventor, a oposição perdida, desnorteada, a “senhora do agreste” com seu perfil comportado e fala mansa, restando alguma agitação e, mesmo interesse, para o octogenário agressivo e bem humorado que usa seus segundos com argúcia e provocação. Pelas pesquisas, tudo já se definiu e, pelo noticiário, também já começou a distribuição dos cargos, milhares deles criados para amparar os “companheiros” inchando a máquina pública e ficamos à espera de um fato novo, um escândalo, uma escorregada possível, em face do despreparo, que altere o panorama que se desenha...

Neste ofício de escrever, no encontro semanal com meus sete leitores, em quatro décadas, é claro que acumulamos temas, colecionamos opiniões, arquivamos milhares de linhas das quais nos valem quando a inspiração foge ou se espreguiça bem como no instante em que a matéria volta à baila, retorna a discussão e aí recuperamos os argumentos “idos e vividos”. O melhor é encontrar, vez por outra, concordância com os pontos de vista que esposo, como é o caso do artigo “A pós-graduação e a mais valia” (de agosto de 2001) de autoria do Dr. Flavio R.L. Paranhos, publicado no “O Popular” de Goiânia e que trago novamente à luz, poupando os neurônios envelhecidos. Do coração verde da pátria, vêm as palavras precisas e que me deram especial satisfação já que as endosso totalmente e verifico não estar só na minha cruzada inglória contra as bobagens e vaidades que infestam a educação. Repito-as: “O mestre/doutor é necessariamente melhor médico do que o que não possui esses títulos? Não. (...) Um erro grosseiro que se vem cometendo sistematicamente, e, o que é pior, encarado de forma natural, é a valorização cega e obsessiva dos títulos de mestre e doutor pelos meios oficiais de fomento à educação. Se determinada universidade tem mais mestres/doutores, é mais bem conceituada, recebe mais atenção, enfim mais dinheiro. Em conseqüência, temos universidades tradicionais tratando de garantir que seus próprios quadros abocanhem logo o título e professores, sem a menor vocação para a pesquisa, sendo obrigados a enfrentar os cursos, não como se fossem cursos, mas, sim, como obstáculos à obtenção do amaldiçoado título (...) Não há porque obrigar bons professores da graduação a passar pelo suplício de um curso de pós-graduação. Existem meios mais inteligentes e justos de mantê-los atualizados. Por outro lado, não faz sentido obrigar pesquisadores a dar aulas, se essa não for sua vocação. O prejuízo é duplo: deles próprios e dos alunos (...) São de vital importância as disciplinas do chamado domínio conexo (metodologia científica, estatística e didática, por exemplo). É de estarrecer o desprezo que dispensam a essas disciplinas os alunos que evidentemente entram na pós-graduação com todas as credenciais do mundo, exceto a que mais interessa: a vocação. Resultado: formam-se mestres e doutores sem a menor noção dessas matérias.”

Foi-se o parágrafo inicial bem entregue às valiosas considerações do Dr. Flávio Paranhos que não perdem a atualidade porque nada se modifica no costumeiro marasmo com que é tratada a educação, um palco para vaidades tolas. Ressalto a acurada observação da ausência do requisito essencial à prática docente: a vocação, o gosto, a queda pela missão de ensinar, o que sempre sublinho, magistério é dom, é entrega. É exatamente o que vem acontecendo já que basta tão-somente alcançar a titulação que se tornou indispensável ao ingresso nos corredores acadêmicos e representa um plus de remuneração, único objetivo dos imberbes que engrenam a pós logo a seguir a uma graduação provavelmente insatisfatória. Esse contingente despreparado, sem cicatrizes da vida profissional, vazio de experiência, (o mesmo acontece com juízes novatos que, arrogantes em regra, julgam sem ter experimentado as vicissitudes da vida) transforma-se no professor enfatuado, distante de seu aluno, incapaz de compreender a vida dentro de uma sala de aula, despido de comezinhos princípios de convivência social, alguém aborrecido e que aborrece os outros. É a esta gente, mestres titulados, mas falsos professores, que a educação vem sendo entregue, em nome de uma teoria qualquer, na realidade um “clubinho” de apaniguados que encontrou um veio para auferir mais dinheiro sem nenhum compromisso com os objetivos educacionais e com a qualidade que se faz necessária ao exercício de transmitir conhecimentos, de preparar os mais jovens, de descortinar futuros, de formar o profissional competente e, principalmente, o homem, o cidadão cômico de seus direitos e obrigações. Em razão de ditames saídos de gabinetes desligados da realidade ou, provavelmente, compromissados com interesses pouco recomendáveis, vimos sofrendo a invasão desses tristes fantoches que transformam as aulas em tortura,

a cátedra em palco de suas fatuidades tolas, o aprender em sacrifício, estiolando a universidade que se paralisa, perde a criatividade, fecha-se em si mesma, enfraquece e se distancia da comunidade à qual deve servir. A tentativa de reforma do ensino superior (mais uma!) enveredou pelo mesmo caminho errado e pretende elevar para até 50% o percentual de mestres e doutores no corpo docente, o que só o deteriorará pelos motivos expostos um pouco acima. Antes que, novamente, ecoem as vozes rancorosas, os costumeiros defensores de comendas e capelos bordados, grifo e repito minha posição: a pós-graduação deve pressupor um interstício, o aprendizado na labuta da profissão para que se definam as ambições e o aluno tenha a bagagem suficiente à ampliação de seu conhecimento, aprofundando estudos que possam, realmente, contribuir, não para seu currículo individual, mas para a sociedade, seja nas pesquisas (que inovem e tenham proveito, sirvam à sociedade, representem um ganho, avanço e não apenas uma tese vaidosa, ininteligível e, portanto, inútil.) de que tanto carecemos seja, desde que remodelados os cursos e direcionados corretamente, para a tarefa de lecionar.

P.S. É impressionante o descaramento dos que postulam o parlamento. Colocam cartazes nas esquinas, com o segurança “sanduíche” dormindo entre eles, ostentando dizeres e promessas mirabolantes diversas. Há um, conhecido por suas atividades “pouco ortodoxas”, que tem a coragem de estampar, à guisa de carimbo, o rótulo “Ficha Limpa”! Vale tudo e a culpa é nossa se eles voltarem...

Prof. Antonio Luiz Mendes de Almeida
(FD 482 10/2.09.10)